

Editorial	
<i>José da Silva Ribeiro</i>	2-7
Culturas sonoras híbridas	
<i>José da Silva Ribeiro</i>	8-27
Deambulações em torno do projeto da antropologia visual contemporânea: entre as <i>imagens da cultura</i> e a <i>cultura das imagens</i>	
<i>Ricardo Marnoto de Oliveira Campos</i>	28-44
A «Viagem» de sucesso de Tsou Poe Tsing	
<i>Maria Fátima Nunes</i>	45-62
Jean Rouch un antropólogo de las fronteras	
<i>Roger Canals</i>	63-82
Imagem, Espaço, Tempo: percepção e expressão	
<i>Ariane Daniela Cole</i>	83-94
eMOTION	
Pour une mobilité multi-sensorielle	
<i>Ghislaine Chabert, Marc Veyrat</i>	95-99

## Editorial

José da Silva RIBEIRO\*, *CEMRI - Laboratório de Antropologia Visual Universidade Aberta*

Sete anos após o primeiro Seminário Imagens da Cultura / Cultura das Imagens impõe-se refletir sobre o percurso realizado e ousar projetá-lo para novos desconhecidos. Sabemos, como afirmava Kierkegaard, que ousar é perder o equilíbrio momentaneamente, mas não ousar é perder-se. Iniciamos pois um novo caminho após a realização do VII Seminário realizado em São Paulo em agosto de 2011. A *Revista Digital Imagens da Cultura / Cultura das Imagens* é o primeiro passo nesse caminho. É também um passo na solidificação da rede de grupos de investigação que construíram, ao longo de sete anos, o Seminário ICCI e os irão manter, alimentando esta publicação. Esperamos como escrevia o poeta Al Berto “que a sétima onda me (nos) traga a frescura da música tantas vezes inaudível”. É pois com renovada esperança que retomamos o caminho, os futuros da reflexão sobre antropologia e imagens e os futuros de uma comunidade de investigadores que encontraram aqui um lugar para apresentar sua reflexão, para expor seus percursos e cumprir seus objetivos e interesses científicos e académicos. Fazemo-lo “com os cambiantes circuitos e pontos críticos de uma “república da ciência e tecnologia” (Fischer, 2011: 196) globalmente disseminada que cria novas formas de cosmopolitismo.

Iniciamos estes novos desafios solidificando os princípios e razões de partida frequentemente enunciados nos nossos encontros e também referidos por Marc Augé em *As lições de África*: é a mudança que é preciso estudar, não nas sociedades longínquas e exóticas ou mesmo ao pé da porta mas sobretudo num mundo fluido de redes de um mundo globalizado pelos meios de comunicação e da economia, pela mobilidade dos povos (migração e turismo), pelos circulação dos saberes e universalização do conhecimento, numa perspetiva interdisciplinar – “terão ainda sentido certas distinções disciplinares? Quando fala de antropologia, não estará a evocar investigações muito próximas das da sociologia ou daquilo que hoje chamamos ciências da comunicação? (Augé, 2006: 28).

---

\* Doutor em Antropologia. Professor de Antropologia e Antropologia Visual, investigador do Centro de Estudos das Migrações das Relações Interculturais, coordenador do Laboratório de Antropologia Visual, Universidade Aberta. Coordena rede de grupos de investigação Imagens da Cultura / Cultura das imagens. Desenvolve atualmente investigação em Antropologia Visual e Hipermedia e Antropologia Virtual e os projetos Imagens e sonoridades das migrações, Interculturalidade afro-atlântica, Imagens, cultura e desenvolvimento local.

Antropologia e Comunicação são áreas de saber que, olhadas de perto, são muito próximas. Têm objetos / sujeitos de estudo diferenciados. No entanto, ambas a partir de terrenos diferentes, estudam o homem e as suas relações com o outro, a natureza dos laços sociais os sistemas de símbolos e interações que constituem as relações, as comunidades, as organizações. Lévi-Strauss, Clifford Geertz, Edmund Leach e Jack Goody aproximam, cada uma à sua maneira, a antropologia da comunicação. Para Lévi-Strauss, “a antropologia, associando-se cada vez mais à linguística para constituir um dia uma vasta ciência da comunicação, a antropologia social pode beneficiar das imensas perspectivas abertas pela linguística pela aplicação do raciocínio matemático ao estudo dos fenómenos da comunicação” (Lardellier, 2003:39). Geertz considera que “o homem é um animal inserto em tramas de significação que ele mesmo teceu” e considera a cultura uma urdidura (teia) e a análise da cultura uma ciência à procura de significações, “o que procuro é a explicação, interpretando expressões sociais que são enigmáticas na sua superfície” (Geertz, 1991 (1973:20). Leach retoma Geertz afirmando que “a etnografia deixou de ser um inventário de hábitos, tornou a arte da descrição densa, a teia complexa de enredo e contra-enredo, como acontece na obra de um grande romancista” (Leach, 1992:9) e identifica as trocas económicas como atos de comunicação.

A Revista tem como objeto principal a Antropologia das Imagens ou Antropologia Visual e como eixo principal a área interdisciplinar de abordagem da Imagem e da Cultura Visual.

O discurso sobre as imagens tornou-se atualmente um tema da moda. Há neste discurso muitas divergências, algumas imprecisões e múltiplas disputas, mas também abordagens de convergência. Alguns estudos parecem conceber 1) a imagem como algo completamente imaterial, mais abstrata que as próprias imagens mentais e as representações da memória; outros estudos identificam as 2) imagens com o visual, a representação visual, sustentando que o que vemos é o visível não havendo nada de significação simbólica; outros autores 3) identificam globalmente as imagens como sinais icónicos, aos quais está ligada, por referência, uma semelhança com uma realidade que não é a imagem e que lhe prevalece superior em estatuto; finalmente há um 4) discurso sobre a arte, que ignora as imagens profanas de hoje, isto é, as que existem fora dos museus (os novos templos) as que pretende sustentar que a arte abarca todas as interrogações sobre a imagem que pode deleitar-lhe o privilégio da atenção. Há ainda outras querelas acerca das imagens – a de que há um monopólio ou uma centralidade disciplinar na reflexão sobre as imagens e a desconfiança dos cientistas, sobretudo os cientistas sociais, os filósofos e os epistemólogos acerca da utilização das imagens embora trabalhem continuamente com elas. Hans Belting refere que “Os filósofos não gostam das imagens e continuam a olhá-las com desconfiança pois são potenciais rivais dos seus escritos” (Belting, 2004: 8). No entanto, paradoxalmente, todas as ciências utilizam cada vez mais as imagens e os cientistas disputam a sua presença nos *media*.

A filosofia, a psicologia, a psicanálise, a semiótica, as ciências da comunicação, as ciências sociais, a história, as ciências políticas, as ciências das religiões, as artes, a economia, a tecnologia refletem e agem a partir de múltiplas perspetivas sobre as imagens. Parece pois necessário, e talvez produtivo, desenvolver uma reflexão interdisciplinar consistente sobre a imagem e suas práticas nas diversas culturas ou no

processo de hibridação cultural de que as imagens são agente ativo. Este é o grande desafio desta Revista e das atividades com elas conectadas. Mais do que as divergências pontuais de estratégias e de afirmação pessoal ou institucional, há uma problemática de largo espectro que poderemos afrontar a partir de múltiplos pontos de vista, tradições acadêmicas, experiências de investigação e práticas de utilização numa perspectiva de convergência.

Entendemos ser necessária uma abordagem antropológica da “imagem” que esteja para além da percepção, que constitua o resultado de simbolização social e coletiva, isto é, constitua um olhar físico e um olhar interno sobre a imagem (como o afirma Roland Barthes acerca da fotografia) que aborde a produção de imagens em todas as épocas, nos espaços sociais das diversas culturas e comunidades (étnicas, científicas, artísticas, religiosas, tecnológicas, reais e virtuais, das indústrias, das indústrias criativas) por cada indivíduo, autor das suas próprias imagens – internas e externas.

Pomos de lado a falsa dicotomia – imagens / escrita ou “a imagem contra a escrita? Até as crianças considerarão isso absurdo” certo que “a imagem ganha o lugar que lhe atribuem, e esse lugar não depende da sua natureza, mas de um leque complexo de dados culturais, ideológicos e tecnológicos...” (Gauthier, 1988: 36-44) ou ainda as afirmações – “uma imagem vale mais que mil palavras” ou o inverso “uma palavra vale mais que mil imagens”. Pela sua insustentabilidade mais não refletem que a instabilidade do signo imagético.

Porque as palavras e as sonoridades são frequentemente inseparáveis das representações visuais e da cultura visual a Revista debruçar-se-á também sobre as vozes e as sonoridades. As vozes, sons e também o silêncio que organizam as imagens e os mundos externos e interiores. As imagens sonoras entendidas como a relação estabelecida entre uma imagem visual e o som que a acompanha. O cinema constitui apenas uma das ocorrências desta relação.

São múltiplas as práticas de utilização e fundamentação da utilização da imagens e dos sons na investigação. O conceito de imagem inclui, como atrás referimos e é consenso entre os investigadores e na linguagem do senso comum, pelo menos duas realidades – o das imagens internas e das imagens externas. No entanto, como afirma Belting, “a verdadeira pergunta não é o dualismo entre imagens externas e imagens internas, mas antes a interação entre o que vemos e o que imaginamos ou do que nos recordamos. Mais, a percepção e produção das imagem são como duas faces de uma mesma moeda, porque não é apenas a percepção que funciona de um modo simbólico (simbólico na medida em que um imagem não se deixa identificar da mesmo maneira que um corpo ou um coisa captada pela nossa visão natural), mas a produção das imagens ela mesma é um ato simbólico, dado que influencia e dá forma de regresso ao nosso olhar e à nossa percepção icónica” (Belting, 2004: 14). É a interação entre imagens internas e externas, entre imagens mentais e materiais, mas também a ligação entre a percepção e produção das imagens que definem a prática de utilização das imagens e dos sons em antropologia. Certos porém que as imagens que vemos, individualmente e no espaço coletivo, se formam por mediação, pelos *media* que as tornam visíveis e audíveis. As imagens e os sons estão pois inscritos num *medium*. Isto acontece também com as imagens mentais ou internas em que o corpo serve de *medium* vivo da mediação. Esta situação é particularmente evidente no estudo dos rituais, mas também nas situações que

referimos ao longo do texto. Prestamos particular atenção aos princípios metodológicos e epistemológicos de utilização dos *media* digitais na investigação antropológica e na mediação dos saberes. Inventariamos no nosso percurso sete princípios fundamentais que, em nosso entender, estão subjacentes à investigação e ensino da antropologia mediado pelas tecnologias digitais: 1) Os antropólogos incorporam nas suas práticas de terreno uma panóplia de meios digitais disponíveis para a produção de informação multissensorial (visual, sonora, audiovisual, escrita) e softwares na organização e tratamento da informação – criação de bases de dados, análise, edição/produção audiovisual, sonora, textual, hipertextual, hipermediática; 2) Os meios utilizados estão hoje amplamente disponíveis, ou poderão tornar-se temporariamente disponíveis, a uma população cada vez mais ampla criando situação de verdadeira participação na produção de informação primária e mesmo de produtos (informação) mais elaborados; 3) A informação obtida pelo registos pode ser modelada pela formação ou pelo estabelecimento de critérios e/ou protocolos de pesquisa articulando-as com informação construída por livre iniciativa, desenquadrada de qualquer orientação metodológica; 4) Os dispositivos usados na pesquisa não constituem apenas base instrumental de registo, arquivo, análise, criação e acesso mas constituem-se como processos de mediação que transformam as práticas dos sujeitos, das instituições que põem em relação. Não se trata apenas, neste processo participativo e colaborativo, de realizar uma investigação ou a produção audiovisual, multimédia ou hipermédia mas de criar dinâmicas locais que asseguram a continuidade das atividades desenvolvidas durante a estada dos investigadores no terreno, de criar um processo social a que a comunidade dê continuidade e de criar situações em que possam emergir *identidades de projeto*; 5) A incorporação reflexiva das tecnologias digitais nas práticas acima referidas e desenvolvidas pelos investigadores (individualmente ou de forma colaborativa) abrem novos campos à investigação em antropologia e propõem novas estratégias, metodologias e o repensar dos pressupostos epistemológicos da realização da investigação em antropologia; 6) Como é que o local (origem da produção da informação e mediação) se apropria da informação e a incorpora no desenvolvimento de estratégias locais de inclusão social? Esta perspetiva de flexibilidade social apresenta-se determinante no atual contexto histórico e social; 7) Da investigação, mediada pelas tecnologias digitais, resultaram milhares de fotografias, muitas horas de registo áudio e vídeo, alguns filmes, *hipermédia* e textos publicados nas revistas da especialidade. Estes processos e a produção científica e sua mediação poderão ser incorporados no ensino experiencial da antropologia, no desenvolvimento de novas competências específicas dos estudantes de antropologia, no desenvolvimento de práticas interdisciplinares.

Na perceção, como na produção das imagens e no trabalho de campo em antropologia juntam-se a “perspetiva de joalheiro para o detalhamento etnográfico e a experimentação conceitual que permite frequentemente a perceção dos pontos críticos locais, exasperantes, apaixonados e conflituosos de enfrentamento cultural e do detalhamento multissituado das redes e do deslocamento das localidades para os atores transnacionais, do teste e da contestação dos esforços em afirmar fórmulas canónicas universais por esses atores” (Fisher, 2011: 69) ou, dito de outra forma por Laplantine, o modo de conhecimento baseada no “pequeno”, na atenção ao detalhe, ao frágil, ao minúsculo que permitem apreender as modulações de nosso comportamentos constitutivos da nossa realidade.

O primeiro número da *Revista Digital Imagens da Cultura / Cultura das Imagens* reúne sete textos de grupos de investigação diferenciados, participantes na Rede Imagens da Cultura / Cultura das Imagens. Ricardo Campos, Maria Fátima Nunes e Casimiro Pinto fizeram percurso de investigação na rede ICCI e no Laboratório de Antropologia Visual, grupo de investigação do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais e concluíram a doutoramento em Antropologia Visual na Universidade Aberta. Os textos apresentados decorrem do trabalho realizado no âmbito de seus doutoramentos. Hoje, dão continuidade à sua investigação e ensino e constituem o suporte do Grupo de Investigação no âmbito do qual fizeram seus percursos académicos.

Maria Fátima Nunes aborda pelas imagens e pelas palavras inscritas num documentário *Pioneiros, palavras e imagens da memória*, os pioneiros da imigração chinesa para o Porto. Ricardo faz uma análise retrospectiva dos percursos da Antropologia Visual e da articulação com outras áreas de conhecimento científico - Estudos Visuais e a Cultura Visual, argumentando que esta subdisciplina foi forjada no âmbito de um paradigma epistemológico que salientava a importância das *imagens da cultura*. Casimiro Pinto desenvolve a ideia da continuidade entre as narrativas cinematográficas e os videojogos partindo da diversidade de utilização, acesso e representação de género.

Roger Canals, da Universidade de Barcelona, aborda uma das referências incontornáveis do filme etnográfico e da antropologia visual, Jean Rouch – as influências de Flaherty e Vertov, e os princípios metodológicos da antropologia partilhada, da reflexividade, a criatividade, experimentação e liberdade na investigação etnográfica e a crítica à dicotomia arte e ciência.

Ariane Daniela Cole, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, coordenadora do VII Seminário Imagens da Cultura / Cultura das Imagens (2011) reflete sobre as relações que se estabeleceram entre a imagem e a imagem em movimento, e seu impacto na percepção, no desenvolvimento da linguagem audiovisual, que se constitui a partir das relações entre a pintura e o cinema e se desenvolve através da tecnologia videográfica, digital. O entendimento do espaço e do tempo, sofreu grandes alterações ao longo da história em função do desenvolvimento da cultura e das tecnologias da imagem. Considera as invenções tecnológicas de produção da imagem como recursos e instrumentos da percepção e expressão do espaço, do tempo, do movimento.

Ghislaine Chabert e Marc Veyrat, da Universidade de Savoie, abordam os usos dados aos dispositivos móveis e sua relação com as práticas dos *media* anteriores, o diálogo entre os dois tipos de dispositivos e os dois pontos de vista. Estes olhares cruzados esclarecem, segundo os autores, a compreensão das práticas contemporâneas multiecrã propondo uma definição da entrada do sensorial, do enfático para o telefone móvel de modo a torná-lo um construtor de histórias e de sentidos entre atores.

Por último, o primeiro texto resulta da conferência abertura do *Seminário Interfaces - arte, cidade e subjetividades*, organizado pela Universidade Estadual do Ceará em que abordei as sonoridades migrantes como forma de hibridação cultural urbana. Partindo da abordagem das sonoridades de Paris (Musette), Buenos Aires (Tango), Lisboa (Fado), Montevideu (Candombe), Mindelo (Morna) procuro mostrar, seguindo os argumentos de Laplantine e Nous, que a hibridação ou mestiçagem é mais sonora que visual, mais musical que pictórica, mais narrativa que descritiva.

Organizei este primeiro número da revista pelo envolvimento nos percursos académicos de alguns dos seus autores, pela implicação e responsabilidade no Seminário Internacional Imagens da Cultura / Cultura das Imagens e pela coordenação da REDE que os sustenta, pelo empenhamento que estes eventos e redes supõem, para além dos interesses momentâneos ou contextuais, e que subsistem no tempo não apenas como um ritual cíclico dos encontros anuais, mas de aprofundamento dos debates em torno das temáticas abordadas, da sua fundamentação epistemológica, metodológica e tecnológica e do desenvolvimento de boas práticas de utilização das imagens na investigação, na disseminação da cultura científica, no desenvolvimento de novos paradigmas e na exploração de novas temática, terrenos ou situações em que os investigadores se movimentam numa situação de profundas mudanças.

A dedicação deste trabalho vai para todos os que ao longo de uma década participaram neste desafio e na construção deste projeto, para as instituições que o apoiaram e nele acreditaram, para os que lhe deram forma – editores, comissão redatorial, conselho editorial, colaboradores.

### **Bibliografia**

- AUGÉ, M. (2007) *Para que vivemos*. Lisboa, 90 graus Editora.
- BARTHES, R. (1981) *A Câmara clara*. Lisboa, Edições 70.
- BELTING, H. (2004) *Pour une anthropologie des images*. Paris, Gallimard.
- FISCHER, M. (2011) *Futuros antropológicos, redefinindo a cultura na era tecnológico*. Rio de Janeiro, Zahar.
- GAUTHIER, G. (1988) «Le Fait, la Fable, aux Frontières du Documentaire, cinéma ethnologie sociologie», *La Revue du Cinéma, Image et Son*, 45:98-111.
- GEERTZ, C. (1991) *La interpretación de las culturas*. Mexico, Gedisa.
- GOODY, J. (1999) *Representaciones y contradicciones*. Barcelona, Paidós.
- LAPLANTINE, F., NOUSS, A. (2002) *A mestiçagem*. Lisboa, Instituto Piaget.
- LAPLANTINE, François (2007) *Leçons de cinéma pour notre époque*. Condé-sur-Noire, Téraédre.
- LARDELLIER, P. (2003) *Théorie du lien rituel, anthropologie e communication*. Paris, L' Harmattan.
- LEACH, E. (1992) *Cultura e Comunicação*. Lisboa, Edições 70.
- LÉVI-STRAUSS, C. (1970) *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
- MIRZOEFF, N. (2003) *Una Introducción a la Cultura Visual*, Barcelona, Paidós.
- RIBEIRO, J. S. (2004) *Antropologia Visual: da minúcia do Olhar ao olhar distanciado*. Porto, Afrontamento.

José da Silva Ribeiro  
Dezembro de 2011